

***El mar de las lentejas* (1979): polifonia e pluridiscursividade**

G. Francisco Fleck

(UNIOESTE-Cascavel/ UNESP-Assis)

A multiplicidade de focos narrativos assegura, de forma potencial, o rompimento de qualquer possibilidade de hegemonia discursiva e, em consequência, surge o discurso polifônico. O romance de Benítez Rojo é uma leitura da história pela ficção que busca imprimir uma multiplicidade de pontos de vista, na qual os registros históricos são incorporados às liberdades da ficção. Desse modo, “a verdade literária, como a verdade histórica, só pode constituir-se na multiplicidade dos textos e das escritas — na intertextualidade” (JENNY, 1979, p. 5). Essa é a dimensão dos eventos de 1492 no romance.

El mar de las lentejas (1979), do cubano Antonio Benítez Rojo (1931-2005), recorre a quatro focos narrativos a fim de retratar a formação do Caribe no século XVI. O modo como atuam os diferentes focos narrativos, os artifícios da ficção e do imaginário utilizados para atravessar a realidade histórica, ironizando-a e revelando-a sob outros prismas que não os da história oficial, são elementos que apontam para novas possibilidades de se conceber o processo histórico que se desencadeou na América a partir das ações de Colombo.

Em 28 capítulos, o romance apresenta um tropel de vozes fragmentadas, que incluem desde a voz do poder, que emana do reinado de Felipe II até vozes anônimas, populares, militares que executam as ordens reais, das classes mais baixas subordinadas aos militares, valendo-se destas a fim de construir um marco histórico e social de amplas dimensões. Cada um dos quatro eixos narrativos inclui sete capítulos, nos quais não se nota qualquer ordem na seqüência. Isso revela o teor de

experimentalismo da obra, que apela ao leitor para que encontre uma estratégia para a leitura. A organização dessa estrutura pode ser comparada à metáfora “mar de lentilhas”, em que se configura a distribuição das ilhas do Caribe. Assim, alguns capítulos são extensos, outros muito curtos, alguns organizados, outros mais fragmentados, e o leitor pode, tranqüilamente, “navegar” entre eles. Contudo, se vacilar, pode-lhe ocorrer o que aconteceu com a nau de Colombo: arremeter-se contra os arrecifes e naufragar, pois a leitura requerida não é, de forma alguma, evasiva, mas comprometida, engajada e densamente participativa.

Assim, subdividimos o romance em uma primeira parte, a que chamamos de “Agonias de um reinado: o fim de Felipe II”; uma segunda, que denominamos “Delícias do paraíso: as aventuras de Antón Babtista no Caribe”; uma terceira, que denominamos “Em nome de Deus: a empresa católica de Dom Pedro Menéndez de Avilés”; e, por fim, a quarta parte, “Pontes entre os continentes”. Embora essas partes estejam imbricadas ao longo do romance e não apareçam dessa forma designadas, as divisões propostas auxiliam o rastreamento e análise de cada um dos fios narrativos.

No eixo “Agonias de um reinado: o fim de Felipe II”, expõe-se uma desintegração humana que irá gerar as demais histórias que compõem a narrativa. Essa é a descrição do estado de agonia de Felipe II, que se encontra moribundo em sua cama, vigiado por uma mosca que aguarda sua conversão de nobre monarca em cadáver apetitoso. É a partir das reflexões do monarca instantes antes da morte que as outras histórias se desenvolvem e, dentre as mais importantes, estão: a segunda viagem de Cristóvão Colombo rumo ao Novo Mundo, o percurso de Pedro Menéndez de Avilés pela península da Flórida e a saga de uma família mercantilista da ilha de Tenerife.

Ao contar a história pelo ângulo das classes sociais espanholas, apenas interessadas em explorar o povo e a terra, a narrativa revela outro passado que tematiza a ferocidade exploratória e usurpadora dos colonizadores que, efetivamente,

pisaram em solo americano e nelas se estabeleceram, ou que, com as riquezas exploradas, criaram uma nova existência no luxuoso mundo europeu.

No estado de agonia final, Felipe II reflete, tomado de profunda tristeza, sobre seu longo reinado, evidenciando o alcance de algumas de suas ações, das quais a mais importante é a manutenção dos princípios da Contra-Reforma, inclusive estendendo-os ao Novo Mundo. A decadência física do monarca, descrita com riqueza de detalhes numa linguagem barroquizada, é símbolo da situação na qual se encontra o império espanhol, distanciado da glória dos Reis Católicos e das fabulosas histórias de Colombo sobre as “Índias Ocidentais”.

Ao descrever o ambiente em que se encontra Felipe II, o narrador imprime um tom fúnebre à narrativa, numa linguagem que se faz solene, dá voltas, enreda-se em descrições para, finalmente, chegar ao objeto de atenção: o agonizante Felipe II. Essa linguagem barroca, rigorosamente elaborada para a explicitação da finitude, denota o ponto de vista hispano-americano sob o qual a leitura do passado se opera no romance, pois a “América, [...] fue barroca desde siempre” (CARPENTIER, 1976, p. 61-62). A linguagem metafórica menciona os “caldos viejos y desesperanzados” que emanam “de alguna marmita” fazendo alusão à memória de Felipe II da qual se expandem as suas amargas lembranças e lamentações. Estas contaminam os demais eixos narrativos que, de uma ou outra forma, deixam transparecer essa infestação do ambiente por um cheiro de podridão.

No segundo eixo, o narrador apresenta, a modo de parodiar o *Diário de bordo* de Colombo, imagens do mundo indígena. Estas, porém, pela leitura paródica/crítica, são apresentadas a partir do estado de submissão dos dóceis taínos à exploração e ganância introduzida pelo conquistador. A primeira cena mostra um séquito de nativos carregando um espanhol em uma rede em pleno sol do meio-dia. As ações dos conquistadores são deflagradas pelo narrador ao descrever um dos nativos: “El hombre desnudo ha pasado suplicio, pues no tiene orejas, ni nariz, ni

labios; su cabeza es una postilla atormentada por un velo de tábanos” (BENÍTEZ ROJO, 1984, p. 20). Por meio de uma linguagem carregada de simbologias, vê-se o nativo carregando uma improvisada cruz da qual pendem os instrumentos de sua tortura. Assim a descrição do nativo, longe daquela do Cristo a que se remete, que segue seu percurso para ressurgir como o Messias, é completamente disfórica, já que não há nela a expectativa da superação do martírio que o discurso religioso contém. Juntos os textos ficcional e histórico, perfazem um jogo de imagens que, de fato, geram discursos de contraste sobre os autóctones americanos, alicerçados no universo mesmo das representações européia que, por um lado, conceberam-nos como o protótipo de “bon-savage” e, por outro, transformaram-no em “bom servidor”, imagem que o narrador explicita no romance. Essa reescritura paródica, ao proceder sua leitura dos signos da história, amplia-os para uma dimensão plurissignificativa.

A carnavalização, que remete ao grotesco, é o recurso empregado para apresentar a personagem Antón Babtista — o europeu carregado pelos taínos — de forma caricaturizada, gerando uma imagem de “rei”, carregado pelos súditos em um estado natural, que denota sua total displicência, sua excentricidade e desajuste à situação. A instância carnavalesca é garantida pelos signos “vanidad” e “falso señorío”, empregados pelo narrador para descrevê-lo. Assim, a procissão que leva o europeu maltrapilho, sujo e malcheiroso transforma-se num carnaval, espetáculo simbólico em que reina o anormal.

O emprego da carnavalização, com seu discurso irônico, aponta para o fato de que o homem carregado pelos nativos é o único que, de fato, desfruta do poder que exerce, gozando as “delícias do paraíso”. Vê-se, pois, uma leitura carnalizado do poder imposto pelo domínio, pela tortura e pelas humilhações. A imagem bonachona de Antón Babtista é descrita pelo narrador de forma a causar riso: “Engordaste como un cerdo en ceba, Antón; criaste una dulce entrepíel de grasa y echaste envidias y tocinos patriarcales que mecías en la bondad de la hamaca, Antón lechón, Antón

gordinflón, Antón panzón, que hasta la nariz te rezumbaba manteca” (BENÍTEZ ROJO, 1984, p. 246). A personagem revela-se, assim, o protótipo do conquistador que se aproveita das “delícias” que o paraíso terreal descrito pelo Almirante oferecia.

A trajetória de Antón Babtista é exemplar: nenhuma indígena a seu alcance escapa de seu voraz apetite sexual, fato presente na descrição feita pelo narrador ao se referir às mulheres que acompanham o séquito de Babtista: “[...] siguen [...] diez o doce mujeres, casi todas preñadas; [...] hay en ellas algo en verdad insultante, ignominioso..., tal vez sea el vaivén de sus pechos sobre los vientres cargados” (BENÍTEZ ROJO, 1984, p. 20). Antón Babtista, no final, é morto a flechadas por um de seus muitos filhos mestiços, após deixar um rastro de violentas ações entre os autóctones que o acolheram, no princípio, como um deus a quem deveriam servir. Sua configuração revela que os conquistadores vieram ao Novo Mundo “con un insaciable deseo de posición social, de un estado legal y de la riqueza con la cual adquirir ambas cosas. Los indios llegaron a ser la fuente de esa riqueza” (SOUZA, 1988, p. 31).

O terceiro eixo narrativo é, ao contrário dos outros, tecido sob uma perspectiva intradieética e tem como voz enunciativa Dom Pedro de Valdés, o jovem genro do governador da Flórida, Dom Pedro Menéndez de Avilés. A armada espanhola na qual Dom Pedro de Valdés ocupava um posto subalterno em busca de destaque, tinha o objetivo específico de atacar a qualquer embarcação na qual se encontrassem luteranos franceses na costa da Flórida. Vêm-se, pois, os desígnios do Imperador Felipe II sendo cumpridos, zelosamente, pelos seus súditos. A intolerância e o orgulho espanhóis são o fluido que impulsiona as ações dos militares, assim como das massas populares que são arregimentadas para a execução dos planos de extermínio dos protestantes na costa da Flórida.

Tais ações são captadas pela visão de Dom Pedro de Valdés. Essa visão possibilita à narrativa expor uma perspectiva das empreitadas bélicas a partir de um foco centrado em uma camada subalterna na hierarquia do poder. Os registros feitos

por Valdés sobre as ações de seu sogro na Flórida encontram-se entre os tantos papéis lidos por Felipe II instantes antes de sua morte.

O quarto eixo abrange outro ramo de atividades que se beneficiaram inescrupulosamente com a descoberta da América: as relações comerciais, ou seja, os tráficos que se estabeleceram entre os continentes. A princípio, essas ações se restringiam entre a Europa e a África; porém, com o incremento dos investimentos das coroas européias no triângulo que se formou entre Europa, África e América, este se mostrou extremamente lucrativo. As incursões de piratas na América, especialmente as de John Hawkins, apoiado por Pedro de Ponte, são, em parte, relatadas pelo narrador que busca dar uma idéia do alcance dessas ações. Mostra-se, assim, o Novo Mundo abrindo suas portas para todo tipo de empreitadas européias, levadas a cabo ou pela intolerância e o fanatismo, ou por um jogo de interesses em que as condições da nova terra não são levadas em consideração. O que se depreende da leitura do romance é que o Novo Mundo “descoberto” por Colombo é apenas o espaço onde se pode realizar tudo o que do outro lado do Atlântico as classes dominantes definem, negociam ou trapaceiam.

A configuração de Felipe II, nos últimos capítulos dedicados ao monarca, faz-se sob o prisma do realismo mágico. Assim, o espírito ativo, enérgico e vivaz do rei abandona, por algum tempo, seu corpo apodrecido no leito de morte e sai em busca de inteirar-se do que se passa em seu reino. Nesse intento, depara-se com os documentos que lhe haviam sido enviados, anunciando o estado de sua “Armada Invencible”. Felipe II torna-se, nesse momento da narrativa, o leitor privilegiado da história da Espanha, ou seja, da sua própria história. Nesse “passeio”, ele volta-se a seus afazeres de soberano e concentra-se na leitura dos papéis acumulados em sua mesa. Entre estes estariam as fontes históricas que revelam o estado de declínio do império espanhol e outros dos quais emanam “vozes”, “ayes”, de lamento e desespero de um grande contingente de espanhóis que, sob o seu mando, perecem nas águas

geladas do atlântico norte, naufragados pelas tormentas ou abatidos pelas forças britânicas que destroçam a “Armada Invencible”. Sua leitura é nexos entre os demais eixos, pois, pelo emprego dos recursos metanarrativos, revelam-se algumas das relações existentes entre Felipe II e as demais personagens do romance, apontando para o processo de seleção que o monarca faz, como instrumento de focalização, das ações a serem “lidas”, destacando-se, por exemplo, “la última carta de Pedro de Valdés”, conteúdo que compõe o quarto eixo narrativo.

O romance realiza uma nova leitura dos eventos do passado, problematizando o seu conhecimento, como defende Linda Hutcheon (1991) ser inerente à metaficção historiográfica. Isso se dá, no romance de Benítez Rojo, a partir do ponto de vista do personagem Felipe II que se torna, na ficção, leitor da sua própria história, enfrentando-se com as derrotas sofridas, as limitações encontradas, as intransigências cometidas. Sob essa perspectiva peculiar, uma multiplicidade de vozes e visões desfila ante os olhos do monarca e, como no discurso historiográfico, são feitos cinzas que desaparecem no ar. Essas múltiplas vozes que Felipe II revisa, contudo, antes de esvaír-se por completo, deixam no universo ficcional e pela linguagem barroca que os organiza, seus lamentos. Essas vozes, entre as quais figuram algumas tomadas como focos dos demais eixos narrativos, efetuam um jogo de construção e desconstrução da história e da imagem do soberano de quem parte e, ao mesmo tempo, para quem converge a leitura desmistificadora do passado.

Cada um dos documentos lidos por Felipe II, momentos antes de sua morte — uma aproximação à subjetividade de Felipe II empreendida no romance a partir dos pressupostos do realismo mágico —, constituem visões excluídas dos registros históricos que, pelo discurso paródico que os ressuscita, ganham espaço e expõem aspectos ocultos das empresas de conquista e colonização da América. A arte literária, ao possibilitar que essas vozes se manifestem no espaço discursivo do romance, filtrados pela subjetividade do leitor Felipe II, que lhes aporta a sua visão

humanizada, lamentando a situação de cada uma dessas personagens, constrói um discurso que conota uma atitude de autocrítica efetuada por parte do monarca. Tal perspectiva subjetiva, porém, não pode constituir-se discurso oficial porque depõe contra a imagem pública que Felipe II cultiva. A exaltação de todos os seus frustrados projetos tem como objetivo alcançar a santidade como recompensa, exatamente, pelas ações que lastima. Assim, pelos efeitos da dualidade de focalização a que a personagem Felipe II é submetida, a personagem analisa a si mesma e vê-se diante de um universo de fracassos. Desse processo resultam distintas formas de conceber os eventos do passado que são expressos pela arte ficcional.

Referências

BENÍTEZ ROJO, A. *El mar de las lentejas*. Barcelona: Plaza & Janés, 1984.

CARPENTIER, A. *Razón de ser*. Caracas: Ediciones de Recortado de la Universidad Central de Venezuela, 1976.

HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JENNY, L. A estratégia da forma. In: *Poétique — revista de teoria e análise literárias: intertextualidades*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979. p. 5-49.

SOUZA, R. D. *La historia en la novela hispano-americana moderna*. Bogotá: Tercer Mundo, 1988.